

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**“RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E  
UMA DISCUSSÃO ACERCA DO ENSINO DE  
HISTÓRIA”**

**POR :**

Wlaine Bezerra Guedes

**CAMPINA GRANDE, OUTUBRO DE 2000**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO : O  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO REFERENTE AO  
SEMESTRE 00.1**

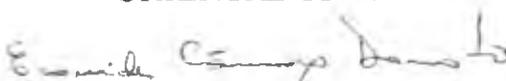
**ALUNA : Wanine Buriti Guedes**

**PROFESSOR DA “PRÁTICA DE ENSINO”**

---

**ALARCON AGRA DO Ó**

**ORIENTADORA:**



---

**ERONIDES CÂMARA DONATO**

# SUMÁRIO

- APRESENTAÇÃO-----	04
- INTRODUÇÃO-----	06
- CAPÍTULO I : “APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO”-----	10
- CAPÍTULO II : “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO :UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR”-----	16
- CAPÍTULO III : “A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO”-----	26
- CAPÍTULO IV : “O ENSINO DE HISTÓRIA HOJE”-----	31
- CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	37

- BIBLOGRAFIA-----40

- ANEXOS

# APRESENTAÇÃO

Este relatório tem por objetivo convidar o leitor à refletir sobre os aspectos que aqui abordamos, em especial o capítulo IV onde fazemos um discussão sobre o ensino de história, esperando que venha a contribuir em futuros trabalhos como esses.

# INTRODUÇÃO

“Só não existe o que não pode  
ser imaginado.”

(Murilo Mendes)

# INTRODUÇÃO

Na sua etapa final o curso de História, licenciatura, exige do aluno que desempenhe duas etapas decisórias para à conclusão do curso : uma delas é a realização do Estágio Supervisionado, que consiste num período de experiência, em que o aluno fica na encubência de dar aulas numa escola pública vinculada à Universidade ; a última etapa, por sua vez, consiste na elaboração do relatório.

O presente relatório está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, fizemos uma reflexão sobre o nosso campo de estágio : tentamos não apenas nos ligarmos as descrições do espaço físico da escola onde estagiamos, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, mas também procuramos perceber outros aspectos como o relacionamento professor/aluno e as condições que a escola dispõe para o professor realizar o seu trabalho.

No segundo capítulo, relatamos toda a nossa experiência vivenciada durante a prática pedagógica. Aqui procuramos, em síntese, mostrar os desafios e as barreiras que tivemos que enfrentar – tão necessários para que compreendamos a realidade de uma escola, em particular, pública – e as saídas que tentamos usar para superá-los.

No terceiro capítulo, achamos interessante fazer uma reflexão da nossa experiência na disciplina “Prática de Ensino”, de incontestável importância para a realização da nossa prática pedagógica, mostrando que contribuições esta nos proporcionou e deixando registrado, portanto, a necessidade de que esta disciplina, por motivos óbvios, requer ser realizada num período ( dois semestres) que faça juz à sua importância.

Por fim, no capítulo IV, fazemos uma reflexão sobre o ensino de história tentando perceber que fatores contribuem, até os dias de hoje, para que os alunos tenham uma concepção tão negativa da aula de história e, por outro lado, procurando mostrar algumas saídas que, indubitavelmente, proporcionaria uma mudança no ensino de história e, conseqüentemente, desconstruiria a falsa idéia de que a história se resume à uma mera sucessão de datas e fatos.

# **CAPÍTULO I**

## **“APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO”**

**“Aquele que se apóia em uma vontade  
firme, vive num mundo a seu gosto.”**

**(Goethe)**

## “APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO”

O nosso estágio supervisionado, vale salientar, realizou-se dentro de uma situação bastante delicada devido a greve - ocorrida em quase todas as instituições de Ensino Superior Federal - que teve início em maio deste ano. Este fato, por sua vez, apesar dos danos que uma greve traz consigo, permitiu-nos um estágio mais “tranquilo” onde podemos por em prática tudo o que já vínhamos discutindo na disciplina “Prática de Ensino”, ministrada pelo professor Alarcon, pois mesmo com a greve não paramos o nosso estágio.

Feita essa breve ressalva, vem em seguida a apresentação da escola onde estagiamos : Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral. Essa escola situa-se no mesmo bairro da Universidade, Bodocongó, e atende a um público de baixa renda. É uma escola bastante simples e que, em alguns aspectos, retrata a realidade de muitas das escolas públicas do nosso país – a precariedade de sua estrutura física, a falta de segurança e, dentre outros fatores, tal como a indisponibilidade de material didático para a realização do trabalho do professor, são alguns exemplos disso.

No primeiro dia que fomos a esse colégio (em 9 de junho de 2000) – eu minhas colegas Natália, Robéria e Manuela – foi para que pudéssemos ter uma idéia do local onde se efetuaria o nosso estágio. Fomos bastante ansiosas, curiosas para conhecer o lugar e o que mais nos deixava inquietas era o fato de como seríamos recepcionadas. Toda essa preocupação sabíamos que era natural. Principalmente a de conhecer o ambiente onde atuáramos, isso porque, diante de todo o material teórico que já havíamos lido e discutido na disciplina Prática de Ensino<sup>1</sup>, tínhamos consciência da importância da observação para a realização da prática pedagógica.

---

<sup>1</sup> A exemplo disso destacaria HAGUETE, Tereza Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis : Vozes, 1987, pp. 61- 101.

Observar é um ato imprescindível, é a partir da observação que podemos traçar, planejar nossas ações<sup>2</sup> e, conseqüentemente, qualificá-las. A observação é o primeiro passo do processo educativo, é a partir dela que podemos fazer um levantamento das condições de possibilidades da prática pedagógica. Tendo consciência disso, partimos para um período de observação do nosso “campo de trabalho”, que ficou-se certo de concluirmos no prazo de 7 dias, no máximo, para só então darmos início ao estágio em si.

No nosso primeiro dia de observação podemos perceber, ao conversarmos com a diretora do colégio, professora Santana, que o relacionamento da direção com os professores é baseado por respeito mútuo. A diretora falou bem de suas professoras de história e estas, por sua vez, também sempre que se referiam a diretora ou as suas colegas de trabalho era com respeito – não havendo intrigas, entregas, palavras dúbias ou ironia no que diziam.

Fomos muito bem recebidas, tanto pelos funcionários da escola, como pelos alunos que sempre se mostraram dispostos a conversar e a contribuir conosco. O ambiente, assim, mostrou-se bastante agradável neste aspecto.

Depois disso, nos dias restantes, começamos a observar a estrutura física da escola e a constatação a que chegamos não foi muito boa. A área, em termos de tamanho, é bem grande, porém a forma como essa área foi utilizada não beneficiou ao colégio – tanto em termos de segurança, devido a forma como foi construído que lembra uma espécie de labirinto, como de conforto e melhor aproveitamento do terreno. A divisão das salas, por exemplo, não foi bem planejada, existe salas demasiadamente pequenas e outras grandes demais, o pátio não ocupa um lugar estratégico e o refeitório é muito pequeno

---

<sup>2</sup> Ver melhor essa questão em SILVA & MILITO -----  
-----Petrópolis : Vozes. 1995. p.10.

– o que impede dos alunos terem um lugar adequado para merendar, pois não tendo espaço suficiente eles comem a merenda em pé, vão para os corredores ou qualquer lugar onde possam comer sem bater um no outro.

Ao que se refere às salas, este é um problema sério, pois além de não terem sido bem estruturadas e planejadas elas são muito próximas umas das outras – o que, fatalmente, só vem a atrapalhar o trabalho dos professores, já que o que é dito em uma sala se é escutado na outra. Além disso, somando-se a outros problemas, existe o fato de que em algumas salas pequenas o número de alunos excede à sua capacidade, enquanto há outras que o caso é inverso.

O pátio da escola não ocupa um lugar estratégico, na verdade, assim como as salas há pontos do pátio em que o espaço é mínimo, enquanto outros são espaçosos, mas pela localização inadequada – tal é o caso da quadra – se tornam um perigo para os alunos, pois fica difícil de se ter uma visualização e controle (só existe uma funcionária para tomar conta das turmas no intervalo) do que ocorre nesses espaços mais distantes. Tal fato, só vem a tornar bem mais difícil o objetivo de se evitar brigas ou até situações com desfecho mais trágico.

Nos períodos da manhã e da tarde, os quais observamos mais atentamente pelo fato de que iríamos escolher um dos dois para estagiar, verificamos que essa “estrutura de labirinto” prejudicava bastante em termos de visualizar melhor os alunos. Alguns ficavam à vista, se aproximavam para um diálogo, outros se quer dava para sabermos o que faziam, ou onde estavam – o que é preocupante ao que se refere, por exemplo, como já foi frisado, a segurança desses, pois no intervalo presenciemos brigas em alguns locais das quais muitas não foram tomadas conhecimento pela secretaria.

A secretaria, por sua vez, também não ocupa um lugar estratégico. Esta fica longe dos lugares mais ocupados pelos alunos na hora do recreio, como é o caso da quadra. No entanto, é válido ressaltar que a esta os alunos têm um livre acesso. Presenciamos o caso de alunos que compareciam a secretaria por diversos motivos : como simplesmente para falar com algum professor ; ou para ser chamado a atenção pela diretora, a qual demonstrou uma grande desenvoltura para resolver os problemas destes de forma a não constrangê-los, mas de os mostrar a necessidade de tentar ser coerente e prudente uns com os outros.

A escola possui uma sala de vídeo. Os materiais oferecidos para o professor trabalhar em sala de aula se reduzem ao giz, quadro negro, alguns mapas e o livro didático. Apesar disso, não nos deixamos inibir , ou se quer prender-nos à essas limitações. A maneira como, em particular, encontrei caminhos para driblar tais barreiras, tão comuns em escolas como estas, está bem detalhadamente explicitado no capítulo sobre a experiência do estágio.

As turmas que escolhemos foram as seguintes : Natália ficou com o “ 1<sup>o</sup> A” e a “ 6<sup>a</sup>. D” ; Robéria com o 2<sup>o</sup>. ano do ensino médio (turma única) e a “7<sup>a</sup>.B”; Manuela com o “1<sup>o</sup>.B”e a “6<sup>a</sup>. b” ; e, por fim, eu com a 7<sup>a</sup>.C do ensino fundamental e o 1<sup>o</sup>.A do ensino médio. Ambas as séries que escolhi, por exemplo, retratam bem o que foi dito à respeito da estrutura do colégio. A 7<sup>a</sup>.C é uma sala muito pequena e comporta um número de alunos muito além de capacidade real, são em número de 30, não tem birô para o professor colocar o seu material, as cadeiras ficam praticamente uma em cima da outra. A sensação de desconforto por parte, principalmente, dos alunos é grande é, inclusive, um dos fatores que gera discussões entre eles. Por outro lado, o 1<sup>o</sup>.A é uma sala bastante ampla e tem poucos alunos.

Essas turmas que escolhemos funcionam no período da tarde, onde as aulas costumam começar às 13:00 horas. Fator que não é bem respeitado por alguns alunos, mesmo com a presença do porteiro que, por ordem expressa,

não permitia a entrada de alunos atrasados – a tolerância máxima é de 15 minutos, porém se valendo da “estrutura de labirinto” do colégio alguns alunos, mesmo chegando mais cedo, se escondem para chegar mais tarde em sala de aula. O que não era bem visto por alguns professores que, impacientes, utilizavam de sua autoridade para colocar disciplina em sala.

Em síntese, é assim que podemos ver e perceber a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral. Numa análise geral, poderíamos afirmar que essa escola apresenta aspectos tanto negativos como positivos semelhantes ao que se pode presenciar nas demais escolas públicas. No entanto, apesar das barreiras que ela enfrenta, pode-se dizer, até que essa escola se apresenta em uma situação mais ou menos satisfatória, isso pelo simples fato, por exemplo, de que ainda, com muito sacrifício, consegue atender, mesmo que minimamente, às necessidades dos seus alunos, mantendo-os na escola - ainda que o motivo maior da permanência de muitos seja devido a merenda que esta oferece.

## **CAPÍTULO II**

### **“O ESTÁGIO SUPERVISIONADO : UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR”**

“O conformismo é o carcereiro  
da liberdade e o inimigo do  
crescimento.”

(John Kennedy)

## **“O ESTÁGIO SUPERVISIONADO : UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR”**

O nosso estágio teve início no dia 3 de julho de 2000 e, como já foi dito antes, realizou-se durante o período da greve que na UFPB, especificamente, teve início em fins de maio e retornou apenas em início de agosto. Antes, como também já foi exposto no capítulo anterior, nós realizamos em junho um período de sete dias de observação do ambiente onde iríamos estagiar : o que foi de extrema importância para que pudéssemos conhecer a realidade da escola e, assim, nos prepararmos para planejar às aulas de acordo com as necessidades e realidade dos alunos.

Mesmo tendo realizado esse período de observação em junho, a diretora do colégio, Santana, nos pediu que dêssemos início ao estágio em 3 de julho. pois os alunos estavam em prova – era o fim do 1º. bimestre. Daí, ficou acertado que voltaríamos em julho para dar início ao segundo bimestre.

Após acertados os detalhes, nós escolhemos as turmas com que ficaríamos : eu e Natália ficamos com o “1º. A” do ensino médio – isso porque essa escola só tinha dois 1ºs. anos (A e B) e um 2º. ano, não tendo pois o último ano do ensino médio; o “1º. B” ficou com Manuela; já Robéria, ficou com o 2º. ano. Em relação as séries do ensino fundamental, no entanto, cada uma de nós ficamos com uma turma diferente – fiquei com a “7ª.C”; Natália com a “6ª.D”; Robéria com a “7ª.B” e Manuela com a “6ª.A”.

A nossa primeira aula, minha e de Natália, foi no dia 3 de julho no “1º.A” do ensino médio. Tínhamos nos preparado para dar aula sobre os “Hebreus”, no entanto, combinamos que antes de tudo iríamos “sondar” a turma e travar conhecimento. Assim, então foi, de início, tivemos uma conversa informal para conhecer à todos. Um por um disse o seu nome e o que achava de estudar história, a resposta foi quase que unânime: muitos responderam que “estudar história é chato, pois a gente tem que decorar muitas datas”, ou ainda, que “estudar história cansa porque tem muita coisa para gente decorar”. Isso nos leva a triste conclusão que, mesmo em nossos dias, é fato a concepção que muitos ainda têm a respeito do ensino de história, ou seja, a grande maioria das pessoas que estudam ou já passaram por uma escola freqüentemente tende a ver as suas experiências em aula de história como uma “decoreba”, como uma aula “chata”, que exige do aluno a memorização de datas e fatos <sup>1</sup> não nos estenderemos mais nesta questão, pelo fato que a trabalharemos mais aprofundadamente no último capítulo deste relatório.

Deixamos certo de que tentariamos fazer o melhor possível para que nossas aulas não fossem “chatas”, já que tinha sido assim que a maioria da turma definiu a aula de história. E essa realmente foi uma das preocupações que mais nos chamou a atenção nesse estágio, pois nos deparamos o tempo todo com essa dificuldade. Daí o último capítulo do relatório ter como tema “A dimensão dialógica da aula expositiva e o ensino de história” onde além de refletirmos sobre o ensino de história procuramos mostrar como, através da aula expositiva dialógica, podemos dinamizar a aula de história e, conseqüentemente, mudarmos essa concepção negativa tão comum entre os estudantes.

---

<sup>1</sup> Ver melhor essa questão em STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. In. Revista Brasileira de história. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 18. n.º 36. 1998. pp. 15-38.

Ana Tereza, professora dessa série, esteve presente na primeira aula para nos apresentar a turma e, depois, deixou que continuássemos as aulas seguintes sem a sua presença. A professora nos atendeu muito bem e se prontificou a ajudar no que fosse possível. Porém, ela demonstrou – embora sempre discretamente – “querer” que mudássemos nossa forma de ministrar as aulas, pois afirmava sempre que a turma era desinteressada, que não lia o texto. Aconselhou-nos, inclusive, a fazer lê-los os textos em sala. Vale salientarmos aqui, antes de qualquer má interpretação que isso possa gerar, que não estamos recriminando a professora em questão, apenas relatamos esse acontecimento para reforçar a nossa afirmação sobre os problemas que enfrentamos no nosso estágio. Essa era a opinião dela – e não desconsideramos suas limitações - , pois achava que perdíamos tempo em preparar cartazes ou qualquer outro tipo de recurso didático para dar aula, já que os alunos eram “desinteressados”. Isso, de certa forma, não nos desestimulou e decidimos que não mudaríamos. Afinal, era um desafio que tínhamos que enfrentar e que, talvez, teremos que enfrentar outras vezes quando formos lecionar história profissionalmente.

Na primeira aula, após a conversa informal, podemos constatar o que a professora Ana Tereza nos disse : a turma, realmente, era desinteressada e poucos eram os que, às vezes, tentavam participar da aula. Em um breve momento tivemos uma sensação de fracasso, mas sabíamos que não era bem assim. Pensamos melhor sobre isso, nos perguntamos o porquê daquela turma não ser participativa, ser tão calada, tão desestimulada – uma das respostas estava, indubitavelmente, na concepção que estes tinham da aula de história, como vimos. Para completar a situação, o “barulho” das salas vizinhas incomodava, tirando, às vezes, a concentração da turma .

Diante de tal realidade partimos, então, para planejar as aulas. Para cada tema que discutimos em sala de aula fizemos, anteriormente, um plano de aula com o objetivo de darmos qualidade ao que fazíamos.

Junto com a nossa orientadora, Eronides Câmara Donato, conhecida mais como “Nilda” na universidade, procuramos planejar as aulas de forma à dinamizá-las, de forma a tirar essa má impressão de que a aula de história se resume a questionários, datas, fatos e repetições – os planos de aula do “1.º.A” estão em ANEXO. E , assim, oportunizar aos alunos uma aula diferente, não centrada apenas no professor – pois um dos nossos objetivos foi o de provocar o aluno, de fazê-lo questionar, pensar, enfim, participar e perceber que a história não se resume a uma mera sucessão de dados e fatos .

No “1.º.A” estava programado que, no segundo bimestre, teríamos que dar aula sobre três civilizações do antigo oriente médio : hebreus, fenícios e persas.

Na nossa primeira aula, sobre a “Civilização hebraica”, por exemplo, usamos cartazes com figuras e um mapa do antigo oriente médio. Tudo para tornar a aula mais dinâmica e atrativa . Vale salientar, que para cada assunto ministrado em sala de aula nós produzimos um texto – os quais estão nos anexos – e entregávamos para a turma antes da aula, com a esperança de que lessem.

Reversando o tempo todo, eu e Natália apresentávamos o assunto sempre procurando incentivar a turma à participação. Porém, o “1.º.A” era muito calado, passivo. Nas aulas subseqüentes fizemos de tudo para que os alunos participassem; para tanto, a cada aula lançávamos perguntas para estimulá-los a pensar, a refletir. Queríamos travar um debate, um diálogo que possibilitasse a todos participarem .

Tivemos resultados positivos à medida que alguns alunos, ainda que não todos, mas boa parte deles começaram a mudar o seu comportamento perante nossas aulas, seja participando, mesmo que timidamente, mas demonstrando interesse. No entanto, o que imperava, na maioria das vezes, era o silêncio. O que nos incomodava, pois nosso objetivo maior era dar vez aos alunos, mostrar que eles fazem parte da “construção” de sua aprendizagem e não apenas o professor – e sabíamos que uma boa aula não se traduziria no silêncio deles, balançando a cabeça afirmativamente concordando com tudo que dizíamos.

O que percebemos com isso é que, até hoje, o que impera para muitos dos alunos e, inclusive, até para muitos professores é a idéia de que o “bom” aluno é aquele que escuta o que lhe dito; é aquele ser disciplinado, “dócil”. Essa visão errônea, do ser “dócil” e disciplinado, resquício do Período Moderno<sup>2</sup>, nós podemos verificar, atualmente, em muitas escolas. Isso está muito ligado, também, a idéia de que o “bom” professor é àquele que mantém a disciplina em sala de aula, é aquele que mantém a ordem. Basta sabermos se o fato de manter-se a ordem e a disciplina em sala traduz-se em uma boa aula. Afinal, uma boa aula é aquela em que o silêncio foi total e quando o professor pergunta se entenderam, quase todos balançam a cabeça positivamente? Acreditamos que não, pois como sabermos se o aluno aprendeu algo se ele se mantém calado, sem ao menos demonstrar que entendeu ou tem dúvidas?

---

<sup>2</sup> Ver melhor essa questão em VARELA, Júlia. O estatuto do saber pedagógico. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. O sujeito da educação : estudos foucaultianos. Petrópolis : Vozes, 1994. pp. 87-96.

Assim, não nos conformamos com a falta de participação, a turma era muito dispersa mesmo. Embora, às vezes, houvesse participações predominava sempre a grande maioria em silêncio. Procuramos, então, nos empenharmos mais ainda procurando maneiras de tornar a aula mais atrativa o possível : levamos figuras, desta vez pedimos para dizerem o que entendiam ao ver àquilo. Tal foi o que ocorreu durante a aula sobre a “A civilização fenícia”, onde mostramos a importância da criação do alfabeto e incitamos os alunos à refletirem o quão importante foi esse legado que a humanidade herdou dos fenícios. Levamos a discussão para a atualidade, para o cotidiano dos alunos, mostrando o quanto o alfabeto faz parte de nossas vidas e o quanto, desde muito tempo, tornou-se primordial para o nosso desenvolvimento.

Com o tempo tivemos pequenos progressos com a turma, entendendo sempre às suas limitações. Como o assunto do segundo bimestre era sobre as civilizações do Antigo Oriente Médio, tentamos sempre trazer as discussões para o cotidiano dos alunos – tudo para tornar o assunto mais aprazível, interessante e mais próximos deles - , pois com isso desejávamos travar um debate onde à todos fosse dada a oportunidade de participar.

Ao apresentarmos à aula sobre os hebreus, por exemplo, mostrávamos aos alunos o porquê da existência das religiões, o porquê de muitas crenças, ou, ao contrário, do monoteísmo. O que foi ótimo, pois falar sobre o assunto colocando o cotidiano dos alunos na discussão, motivo-os à refletir, a pensar e a entenderem a existência de muitas coisas presentes no mundo, em suas vidas. O que esperamos, também, que tenham entendido que a história não é algo distante à eles, embora saibamos – e nos esforçamos para deixar isso claro – que nem tudo podemos trazer para o cotidiano dos alunos, mas que nem por isso faz da história algo que não lhe diz respeito, como lamentavelmente muitos pensam.

Sempre no fim de cada assunto fazíamos, nas aulas seguintes, uma revisão geral e tentando, sempre, estabelecer um debate – não permitindo que a aula ficasse no tão conhecido monólogo do professor. Momentos esses que sentíamos as dificuldades dos alunos, pois como estavam acostumados a um outro tipo de aula – onde o professor escreve no quadro e eles copiam, ou lêem o texto do dia sem questionar ou problematizar o que lêem – a resistência à nossa maneira de dar aula foi bastante forte por parte de alguns.

Além de tentarmos estimular um debate, um diálogo, diante de um determinado tema em questão, insistindo que eram poucos os que participavam desse momento, também propúnhamos exercícios – uma espécie de estudo dirigido - aos alunos.

Mesmo com todas as resistências não nos inibimos, acreditando sempre na nossa capacidade criativa de superarmos às dificuldades e acreditando, também, na capacidade dos alunos em querer melhorar, querer aprender.

Já a “7<sup>a</sup>.C” do ensino fundamental, turma assumida por mim, ao inverso do “1<sup>o</sup>.A” do ensino médio era uma turma bastante interessada. Essa turma, também inversamente ao “1<sup>o</sup>.A”, ocupava uma sala bastante pequena – no total era composta por 30 alunos. Esse fator juntamente com a proximidade de uma sala para outra, chegou, por vezes, a atrapalhar o andamento da aula, porém com o tempo “consegui” logo a lidar com essas dificuldades.

O interessante de tudo é que no início os alunos da “7<sup>a</sup>.C” começaram a se “soltar” demais – se soltar no sentido de conversar demais, atrapalhando o aproveitamento da aula.

As aulas eram boas , me sentia realizada, pois a participação – apesar das conversas paralelas – dos alunos era ótima. No entanto, percebi que estava deixando-os , como disse antes, “soltos” demais – as conversas paralelas cresciam.

Neste dia, então, estava dando uma aula sobre “O período regencial no Brasil”, interrompi a aula e pedi para que deixassem as conversas paralelas de lado. Prometi a eles que sempre que pudesse reservaria alguns minutos finais de nossas aulas para conversarmos, discutirmos sobre nossas vidas ou problemas em sala. Esse episódio considero como um dos mais importantes que ocorreu no estágio, pois ao fazer isso percebi que além de dar aula temos que nos aproximar o mais real possível de nossos alunos. Ao interromper uma aula não os prejudicamos atrasando o conteúdo, mas sim teremos, com certeza, um momento de maior aproximação com eles e, com isso, entendermos suas dificuldades, suas ansiedades.

Sendo assim, esse episódio nos faz perceber algo muito mais sério, de relevante valor à nossa prática pedagógica : a aproximação aluno/professor, é essa interação, indubitavelmente, que permitirá êxito em nosso trabalho, pois é ai que temos a chance de melhorarmos nossas ações como professores ou indivíduos. O tempo para percebermos o que precisa mudar em sala. Além disso, precisamos fazer os alunos entenderem e se sentirem sujeitos ativos na construção do seu saber, dos seus conhecimentos. Isso, no entanto, só ocorre se dermos espaço para eles participarem, refletirem, ou seja, para interagirem conosco, pois o conhecimento não pertence apenas ao professor.

Depois dessa conversa que tive com os alunos as aulas seguintes transcorreram da melhor forma possível, sempre reservando uns 10 minutos finais para conversarmos – seja sobre a aula, ou coisas extra classe.

Como resultado, ganhei a confiança e o respeito da turma. Passaram a colaborar bem mais ainda com as aulas, pois sabiam que haveria, no final, um tempo para conversarmos.

Esforcei-me ao máximo, tentando dinamizar sempre as aulas : com o uso do quadro, de cartazes e mapas – infelizmente não tive oportunidade para utilizar o retroprojeter, pois a escola não tinha. Também pensei em utilizar um filme , “Tempos Modernos”de Chaplin, na última aula dessa turma – e que encerraria o bimestre - cujo tema só era possível entender mediante uma introdução sobre a “Revolução Industrial”. O que também, lamentavelmente, não foi possível já que o vídeo apresentou um defeito. Assim como no “1º.A”, também planejei todas as aulas, com a imprescindível ajuda da nossa orientadora, Nilda – os “planos de aula” da “7ª.C” também estão em ANEXO.

O tempo todo me utilizei, então, da aula expositiva – dialógica, pois só assim é que estimulamos ao debate, a reflexão. Só assim que teremos sujeitos ativos, participativos e não meros receptores.

Após o término do segundo bimestre, partimos para elaborar as provas das respectivas séries. Esse também foi um momento ímpar no nossa estágio, pois se elaborar provas foi difícil, corrigi-las foi um grande desafio.

## **CAPÍTULO III**

### **“A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO”**

“Ai de nós, educadores, se deixamos  
de sonhar sonhos possíveis.”

(Paulo Freire)

## **“A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO”**

Indubitavelmente, é indiscutível a importância que a disciplina “Prática de Ensino” tem para nós, pois é o momento de maior reflexão do nosso curso - pena que essa cadeira só seja oferecido por um semestre, diante de sua importância para a prática pedagógica ela deveria, no mínimo, ter duração de um ano.

É onde discutimos, realmente, questões ligadas diretamente aos nossos anseios e interesses enquanto futuros professores – alguns até, tal é caso de Natália, já professores – de história. Daí a singularidade dessa disciplina, ministrada por Alarcon Agra do Ô, um exímio e dedicado professor, que o tempo todo nos falou sobre a experiência de ser professor, da importância de mantermos um vínculo com os nossos alunos – no sentido de deixá-los se sentir e fazerem parte do processo ensino-aprendizagem.

Sendo assim, no decorrer da disciplina, vale reforçar que o mesmo ocorreu em “Metodologia do ensino de história” (outra disciplina ministrada pelo mesmo professor em questão, no período 00.1), discutimos e refletimos sobre diversas questões relacionadas à educação, à experiência de ser professor, de como agir numa sala de aula ou, ainda, como lidar com a falta de recursos didáticos – buscando saídas para suprir esse problema, sem comprometer o andamento ou a qualidade da aula, ou seja, sem comprometer a sua dinâmica.

Lemos diversos textos e após a leitura de cada um sempre abríamos um debate onde expúnhamos nossas compreensões e dúvidas acerca do tema em questão e, sempre que possível, fazendo complementações que achamos

necessário ao tema. Adquirimos, sem dúvida, um grande embasamento teórico.

Mas também aprendemos com o professor a importância da existência da interação teoria/prática e, mais que isso, da coerência que deve haver entre ambas. Foi, inclusive, esse um dos sentidos que nos motivou para a realização da nossa prática pedagógica, sabendo da grande responsabilidade que tínhamos em nossas mãos.

Como já afirmamos, ao longo desse semestre lemos diversos textos, ficando impossível então de listar todos, achamos melhor expor apenas alguns dos diversos textos que trabalhamos na disciplina.

Lemos textos como o de Feldens, “Desafios na educação de professores: analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais”<sup>1</sup>, que, em síntese, fala dos problemas e dos desafios presentes na educação de professores e destaca algumas preocupações atuais na educação de professores e seus subseqüentes reflexos e interferências institucionais: tal como a ausência de articulação entre os fundamentos nas disciplinas básicas

---

<sup>1</sup> FELDENS, Maria das Graças Furtado. Desafios na educação de professores : analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais. In. SERBINO, Raquel Volpato.(org) (et. Al). Formação de professores. São Paulo : Fundação editora da UNESP,1998. pp. 125-137.

dos cursos; fragmentação das disciplinas e das atividades oferecidas ao longo dos programas de formação; e, entre outras coisas, a ausência de articulação entre teoria e prática, entre o saber e o fazer.

Mostra- nos, ainda, alguns problemas, dificuldades e desafios que são freqüentemente “apontados nos discursos expressos em congressos, evidenciados na literatura acadêmica” e que são reflexo das preocupações cotidianas em nossas instituições formadoras.

E textos, dentre vários outros, como o de Sandra Mara Corazza, “Planejamento de ensino como estratégia de política cultural”<sup>2</sup> que, de uma maneira geral, nos mostra uma nova forma de pensar a educação. Assim como também, uma nova forma de agir na docência.

Nesse texto aprendemos com a autora a importância de que não devemos nos frustrar quando acharmos que não atingimos o nosso “melhor”, por exemplo, durante uma aula. Alerta- nos, sim, para o fato de que devemos sempre nos reciclar, tentar perceber as nossas falhas, medo e instabilidades e, só então, tentarmos compreender nossos fracassos; para que possamos melhorar nossas ações enquanto professores e garantir, assim, o nosso aprimoramento – o qual, não é um produto pronto e acabado, mas que se constrói e desconstrói constantemente de acordo com as necessidades do nosso meio.

Não é objetivo da autora nos dar receitas prontas de como se planejar ou de como deveria ser um planejamento de ensino, mas sim nos orientar a

---

<sup>2</sup> CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa(org.) Currículo : questões atuais. Campinas. SP : Papyrus, 1997. pp103-143.

pensar de um modo diferente do costumeiro. Isso porque, para ela, o planejamento de ensino se traduz numa estratégia de política cultural – já que planejar, na sua concepção, é expor o nosso mundo, expor o nosso conceito de educação, mas também de vida e história.

Foram esses alguns exemplos, mínimos, de nossas leituras realizadas na disciplina e que, sem dúvidas, são imprescindíveis ao nosso projeto pedagógico. São leituras, enfim, coerentes e necessárias e que desencadeiam debates e discussões primordiais a nossa prática pedagógica de professores de história.

## **CAPÍTULO IV**

### **“O ENSINO DE HISTÓRIA HOJE”**

“O vento é sempre o mesmo, mas sua resposta  
é diferente em cada folha. Somente a árvore  
seca fica imóvel entre as borboletas  
e pássaros.”

(Cecília Meireles)

## “O ENSINO DE HISTÓRIA HOJE”

Durante o Estágio Supervisionado nos deparamos com um grande desafio : como oportunizar aos alunos uma aula diferente, não centrada apenas no professor, e fazê-los perceber que a história não se resume a uma mera sucessão de dados e fatos ? ; como estimulá-los para a aula de história ? ; ou ainda, como nos depararmos com alunos cuja concepção que têm em relação a aula de história se traduz em palavras como “cansativa”, “chata”, “decoreba” ? O que nos levou, neste capítulo, a repensarmos um pouco sobre o ensino de história.

A grande maioria das pessoas, que estudam ou já passaram por uma escola, freqüentemente tende a ver as suas experiências em aula de história como uma aula que exige do aluno a memorização de datas e fatos. Na verdade, sabemos ser esta uma triste realidade que tem marcado há muito tempo a concepção sobre o ensino de história, presente até os dias de hoje, pois **“o ensino de história, mais do que outras disciplinas tem se constituído em solo fértil para a memorização, a repetição, o monólogo do professor, um espaço propício para a idéia de saber pronto, acabado, que resta apenas transmitir”**<sup>1</sup> Isso ocorre pelo simples fato que, geralmente, o que é apresentado aos alunos são conteúdos já cristalizados no ensino de história, os quais se apresentam como algo distante da realidade vivida por eles.

---

<sup>1</sup> STEPHANOU, Maria. Op. Cit., pp. 19-10

A história, neste aspecto, surge aos alunos como um espetáculo, como algo que não lhes diz respeito, como algo sem sentido, já que segundo Stephanou <sup>2</sup> “aos estudantes o processo histórico aparece como exterior, distante artificial e sem significado; os programas cronológicos se apresentam cansativos, inúteis ou até prejudiciais, o que se evidencia pela ausência de interesse ou relevância para os alunos.” A história que lhes é apresentada, assim, é uma história “verdadeira”, acabada, pronta, cujo conteúdo parece distante no tempo. Daí essa concepção negativa perante o ensino de história, pois o conhecimento em história, geralmente, é compreendido como algo que só diz respeito ao passado e que este passado é apreendido tal como aconteceu – o conhecimento do passado, dessa forma, seria concebido como conteúdo isento, pronto, que é preciso apenas ser transmitido.

No entanto, esse quadro não pode ser visto como irreversível, muito pelo contrário, há maneiras de mudar. Uma dessas maneiras seria o professor tomar um novo posicionamento perante à sua prática pedagógica. Ao professor caberia, então, construir uma ordem que seja inteligível ao aluno; caberia ao professor, junto com seu aluno, problematizar o mundo social em que ele e o estudante estão imersos e construir relações entre as problemáticas identificadas e questões sociais, políticas, econômicas e culturais de outros tempos e espaços. Seria essa uma escolha didática que oportunizaria aos alunos distinguirem suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizarem, em parte, os padrões de comportamento de seu próprio tempo e, com isso, perceberem que fazem parte do processo histórico – que a história não é algo externo à eles.

---

<sup>2</sup>STEPHANOU, Maria. Op. Cit., p. 29

Assim, para que os alunos possam compreender a realidade atual em perspectiva histórica, **“é significativo o desenvolvimento de atividades nas quais possam questionar o presente, identificar questões internas às organizações sociais e suas relações em diferentes esferas da vida em sociedade, identificar relações entre o presente e o passado, discernindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações no tempo.”**<sup>3</sup> Quando o professor adota atividades que estimulam o aluno à refletir, a pensar ; atividades que estimulam questionamento em sala, que orienta pesquisas – confrontando versões históricas – enfim, quando desenvolve trabalhos que oportunizem ao aluno participar do processo de aprendizagem, conseqüentemente, isso permite com que o aluno se sinta e faça parte da construção do seu saber, do seu conhecimento e, melhor, que ele se sinta sujeito do processo histórico.

Dessa forma, conseguiremos com que os alunos não vejam mais a história como algo que não tem sentido, ou como uma disciplina “decoreba”, “enfadonha”, pois a partir do momento em que trabalhamos com a história levando as questões para o cotidiano dos alunos temos a possibilidade de estimulá-los para a aula de história e, conseqüentemente, mudar essa concepção negativa sobre o ensino de história ; mostrando-lhes que a história não se resume a uma mera sucessão de dados e fatos e que, muito menos, se traduz como algo dado e acabado.

---

<sup>3</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais : história / Secretaria da Educação Fundamental – Brasília : MEC /SEF, 1998. p. 53.

O importante, é percebermos que **“essa história, que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre sua dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de seu país, de seu tempo...”**<sup>4</sup> e que, conseqüentemente, essa história impede que o aluno se sinta como um sujeito histórico ; impossibilitando-o, ainda, de perceber que os conhecimentos que, a partir suas experiências individuais/coletivas ou do seu cotidiano, possam ser base de discussão sala de aula. A saída, então, seria o ensino de história fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-las com problemáticas históricas.

O ensino de história tem uma importante função e , uma delas, é possibilitar aos alunos desenvolver a sua formação intelectual, possibilitá-los a se tornarem sujeitos ativos, propositivos e perceberem-se como sujeitos do processo histórico.

Não procuramos, aqui, ensinar maneiras de como ser professor de história, mas sim tentamos entender o porquê dessa concepção tão negativa que persegue o ensino de história até hoje. E como sabemos que essa concepção se deve, em parte ( pois os currículos de história têm sua parcela de culpa), a maneira como o professor ensina história (que, por sua vez, depende da maneira que este concebe a história) tentamos, então, com base nas leituras realizadas e na nossa experiência no Estágio Supervisionado, refletir sobre o

---

<sup>4</sup> CABRINI, Conceição. Et. Alli. O Ensino de História, 3<sup>a</sup>.Edição, São Paulo : Brasiliensi, 1987. pp. 21-22.

ensino de história e procurar mostrar algumas saídas que possibilitasse melhorá-lo

Durante o nosso estágio, por exemplo, podemos perceber que poderíamos mudar a aula de história, no sentido de melhorá-la, dinamizá-la e, conseqüentemente, possibilitar uma aula diferente para os alunos. Uma aula marcada pela interação professor/aluno, onde fosse levada em consideração a capacidade cognitiva de ambos e, com isso, desse um novo estímulo aos alunos fazendo-os ver a aula de história de um modo diferente, não negativo. Percebemos que **“o professor de história precisa ser alguém que entenda história, não no sentido de que saiba tudo...”**<sup>5</sup>, que tem respostas prontas, que acha que o conhecimento histórico é algo isento, dado, mas que seja alguém preocupado em levar seus alunos a fazer uma reflexão de natureza histórica. Alguém que não se limita a achar que a história está apenas nos livros didáticos.

Por fim, seria importante frisarmos que o ensino de história para melhorar não depende apenas do professor, mas também, indubitavelmente, depende de diversos outros fatores : a reforma do currículo de história seria um desses fatores, já que no nosso país prevalecem os currículos caracterizados pelo que Felgueiras<sup>6</sup> chama de “programa cronológico”, ou seja, um programa onde a história caracteriza-se como um todo contínuo, ascendente – sendo que seu processo evolutivo só pode ser transmitido ao aluno fornecendo um estrutura cronológica e um desenrolar seqüencial dos acontecimentos ; um outro fator, nisso tudo, seria tentarmos mudar a falsa idéia de que a produção do conhecimento histórico compete apenas à universidade, enquanto que aos ensinamentos fundamental e médio cabe a reprodução desse conhecimento.

---

<sup>5</sup> CABRINI, Conceição. Op. Cit. P. 23.

<sup>6</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro. Pensar a História, repensar o seu ensino, Porto Editora, Portugal, 1994.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável as contribuições que um trabalho como este nos traz, pois após a elaboração deste relatório podemos perceber o quanto aprendemos e, indubitavelmente, o quanto ainda temos que aprender pela frente – mas, é claro, sem nos inibirmos e tendo consciência de que podemos superar as dificuldades que nos surgir, sem comprometer a qualidade do nosso trabalho.

Durante o Estágio Supervisionado adquirimos experiência e, mais que isso, aprendemos a verdadeira importância da interação professor/aluno, pois a partir do momento em que entendemos isso, sem dúvidas, podemos ter a satisfação de saber que ensinamos algo e não meramente fizemos àquele velho monólogo em que ao aluno resta apenas ouvir e repetir. E, o que é mais importante, podemos ter a satisfação de que o aluno faça, realmente, parte do processo ensino/aprendizagem, afinal ele também produz o seu conhecimento – mas, como ele saber disso se não lhe for dada a chance ?

Foi essa uma das nossas grandes preocupações durante o Estágio Supervisionado, que aqui registramos, e que nos levou a trabalharmos , ou melhor, que nos levou a discutir um pouco sobre o ensino de história no último capítulo deste relatório. E o que podemos perceber, em síntese, é que o ensino de história ou a aula de história, até os dias de hoje, é visto como algo que requer uma memorização do aluno, algo visto, por este, como uma “decoreba”. Mas não nos detivemos apenas ai, procuramos entender o porquê dessa concepção tão negativa acerca das aulas de história e podemos chegar à conclusão que isso se deve, em muito, a maneira como o professor concebe a história e, ainda, como ele se posiciona perante seus alunos. Mas não só o professor carrega essa culpa, grande parcela desta é fruto de como os currículos de história estão estruturados – e isto nos levaria a uma outra discussão interminável.

No entanto, não nos coube, aqui, ficar atribuindo culpas à “A” ou à “B”, mas sim procuramos saídas para os problemas. Depois de muito refletirmos, - levando-se, em inclusive, em consideração à nossa experiência no Estágio Supervisionado – podemos entender que o grande passe, o inicial, seria começarmos a procurar fazer com que os alunos, cada vez mais, se sintam e façam parte do processo ensino/aprendizagem, pois a partir do momento que os alunos se vêem como sujeitos ativos e, principalmente, como sujeitos do processo histórico eles, conseqüentemente, mudam o seu olhar perante o que lhes é ensinado e, melhor, se sentem estimulados a aprender.

Assim, aprendemos que manter um diálogo, e não um monólogo, é muito mais gratificante, pois quando instigamos o aluno à refletir, à pensar, obtemos respostas. Daí que a nossa postura diante da sala de aula é importantíssima, pois dependendo de como concebemos à história e como entendemos o processo ensino/aprendizagem é que poderemos, paulatinamente, mudarmos essa concepção negativa sobre o ensino de história e, conseqüentemente, levarmos aos alunos à entenderem que eles são sujeitos ativos na produção do seu conhecimento e, mais que isso, em particular ao que nos interessa, que a história não é algo dado e acabado. Ou seja, que a história não é algo, como a muitos é levado a pensar, distante à eles.

# **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

- CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In. MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (org.) Currículo : questões atuais. Campinas, São Paulo : Papyrus, 1997.
- CABRINI, Conceição. Ensino de História. 3<sup>a</sup>. Edição, São Paulo : Brasiliensi. 1987.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Pensar a História, Repensar o seu Ensino. Porto Editora, Portugal. 1994.
- FELDENS, Maria das Graças Furtado. Desafios na educação de professores : analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais. In. SERBINO, Raquel Volpato (org.) (et. Al.). Formação de professores. SP : Fundação Editora da UNESP, 1998.
- HAGUETE, Tereza Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis : vozes, 1987.
- NEVES, Maria Aparecida Mamede. Ensinando e Aprendendo História. São Paulo : EPU, 1985.
- PICONEZ, Stela C. B. (coord.). A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado, 2<sup>a</sup>. ed., Campinas, SP: Papyrus, 1994 ( Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico.).

Parâmetros Curriculares Nacionais : História/ Secretaria da Educação Funda –  
Mental – Brasília : MEC/SEF,1998.

STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. In.  
Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publi-  
cações, Vol. 18. n ° 36. 1998.

SILVA, Marcos A . da (org.) Repensando a História. 2<sup>a</sup> ed., RJ : Marco Zero.

VARELA, Júlia. O estatuto do saber pedagógico. In. SILVA, Tomaz Tadeu da.  
O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis : Vozes, 1994.

# **ANEXOS**

ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. E MÉD SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 04/07/00  
ESTAGIÁRIA : WANINE BURITI GUEDES  
SÉRIE : 7ª C

### PLANO DE AULA

TEXTO : “D. Pedro : de herói à vilão”

TEMA : Com a independência começa –se a elaborar uma constituição para o Brasil

OBJETIVO : Mostrar as dificuldades de consolidação de uma monarquia parlamentar no Brasil após a proclamação da independência. Procurar caracterizar essas dificuldades pelos atos de d. Pedro I e pelas contradições envolvidas na elaboração da nossa primeira Constituição ( 1824)

CONTEÚDO :

- A independência do Brasil
- A elaboração da Constituição
- D. Pedro dissolve a Assembléia Constituinte
- A primeira Constituição do Brasil
- As queixas contra d. Pedro
- A renúncia

METODOLOGIA : Mostrar essa temática como uma construção histórica. Mostrar os fatos desse período tendo como principal foco a primeira Constituição do Brasil.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS : Aula expositiva – dialógica, com a utilização de cartazes.

BIBLIOGRAFIA :

ESCOLA ESTUDUAL DE ENS. FUND. E MÉD SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 11/07/00  
ESTAGIÁRIA : WANINE BURITI GUEDES  
SÉRIE : 7<sup>a</sup> c do ensino fundamental

### PLANO DE AULA

TEXTO: “Regência : guerras e mais guerras”

TEMA: Regência : um período de instabilidade política agravada pela crise econômica e social

OBJETIVO : Compreender os motivos das revoltas que envolveram o país nesse período, partindo da idéia de que o Brasil estava se constituindo enquanto nação soberana.

CONTEÚDO :

- A abdicação de d. Pedro
- As reformas políticas realizadas após a renúncia de d. Pedro
- As revoltas do período regencial : cabanagem, farroupilha, sabinada e Balaiada
- 1838 : as eleições para o Parlamento
- O “golpe da maioria”

METODOLOGIA : Mostrar o período regencial como um dos períodos mais conturbados do Brasil Imperial. E, o que é mais importante, mostrar a emergência, na cena política, de setores excluídos – tais como : os camponeses, posseiros, artesãos, etc.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS : A aula será ministrada através de aula expositiva – dialógica, com a utilização do quadro negro, mapa e cartazes.

BIBLIOGRAFIA :

COTRIM, Gilberto. História Global : Brasil e Geral. Ed. Saraiva. 1<sup>a</sup> Ed. , 1997.

ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. E MÉD SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 18/ 07/ 00  
ESTAGIÁRIA : WANINE BURITI GUEDES  
SÉRIE : 7ª C

### PLANO DE AULA

TEXTO : “Um sistema muito dinâmico”

TEMA : Séc. XIX : o capitalismo industrial provocou grandes transformações, principalmente no campo das idéias

OBJETIVO : Mostrar a consolidação do capitalismo industrial na Inglaterra e sua expansão pela Europa - consolidação se deu pela urbanização, progresso técnico, inovação nos meios de transporte e incorporação de novos setores econômicos na dinâmica industrial.

CONTEÚDO :

- Séc. XIX : o capitalismo entra numa nova fase
- As transformações introduzidas pelo capitalismo industrial
- O impacto do capitalismo no campo das idéias
- A Revolução Industrial
- Consolidação do capitalismo inglês

METODOLOGIA : Apresentar essa temática como uma construção histórica, marcada pelas grandes mudanças – inclusive no campo das idéias – que ocasionaram na sociedade de todo o mundo.

BIBLIOGRAFIA :

ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. E MÉD. SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 03/07/00  
ESTAGIÁRIAS : WANINE BURITI  
NATÁLIA RODRIGUES

SÉRIE : 1º A do ensino médio

### PLANO DE AULA

TEXTO : “Os hebreus”

TEMA : O monoteísmo como forma de constituição de um povo

OBJETIVO : Reconhecer a tradição do pensamento religioso na Antiguidade, tendo como referência os hebreus.

CONTEÚDO :

- A Palestina dos hebreus : “a terra prometida”
- A luta pela Palestina
- A bíblia como testemunha : os hebreus na fase inicial de sua história
- Moisés e os dez mandamentos
- O êxodo dos hebreus

METODOLOGIA : Mostrar a importância da religião na vida dos hebreus, destacando o judaísmo como a grande contribuição cultural legada pelos hebreus às civilizações ocidentais e orientais.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS : Aula expositiva – dialógica, com a utilização de mapas e cartazes.

BIBLIOGRAFIA :

- MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana. História e civilização ( o mundo Antigo e Medieval ). Ed. Ática, 1995.
- COTRIM, Gilberto & ALENCAR, Álvaro Duarte de. História Geral (Antiga e Medieval) Ed. Saraiva, 6ª. edição, 1987.

ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. E MÉD. SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 10/07/00  
ESTAGIÁRIAS: NATÁLIA RODRIGUES  
WANINE BURITI

SÉRIE: 1º A

### PLANO DE AULA

TEXTO: "Civilização fenícia"

TEMA: O comércio marítimo fenício e a invenção do alfabeto

OBJETIVO: Compreender a influência do mar na vida do povo fenício, tendo como referência a invenção do alfabeto como a grande contribuição cultural desse povo.

CONTEÚDO:

- Organização política do povo fenício
- A estrutura social
- O comércio marítimo na vida dos fenícios
- A invenção do alfabeto
- A religião
- A cultura

METODOLOGIA: Mostrar a grande contribuição que os fenícios nos legou, o alfabeto, e a importância do mar na vida econômica desse povo.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: Aula expositiva – dialógica, com a utilização de mapas, cartazes e imagens.

BIBLIOGRAFIA:

- MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana. História e Civilização (o mundo Antigo e Medieval). Editora Atica, 1995.
- COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo, 1: da Pré-História à Idade Média. Ensino fundamental. 14ª ed., SP, Saraiva, 1998.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUND. E MÉD. SEVERINO CABRAL  
CAPINA GRANDE, 17/07/00  
ESTAGIÁRIAS : WANINE BURITI  
NATÁLIA RODRIGUES  
SÉRIE : 1<sup>o</sup> A

### PLANO DE AULA

TEXTO : “Civilização persa”

TEMA : Formação e evolução do Império persa

OBJETIVO : Compreender a formação e a evolução do Império persa, levando em consideração as manifestações culturais dos persas na religião.

CONTEÚDO :

- A formação do Império persa e sua evolução política
- A expansão do Império persa
- Sociedade e cultura
- A religião

METODOLOGIA: Mostrar a especificidade das manifestações culturais dos persas no campo da religião.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS: Aula expositiva – dialógica, mapas e cartazes.

BIBLIOGRAFIA :

MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana. História e Civilização ( o mundo Antigo e Medieval). Editora Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto & ALENCAR, Álvaro Duarte de. História geral ( antiga e medieval ) Editora Saraiva, 6<sup>a</sup>. ed., 1987.

MOCELLIM, Renato. História Antiga e Medieval. Editora do Brasil S/A, SP.

ESCOLA DE ENS. FUND. E MÉDIO SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 03\07\00  
PROFESSORA: ANA TEREZA

ESTAGIÁRIAS:

WANINE BURITI  
NATÁLIA RODRIGUES

ALUNO(A): .....  
SÉRIE: 1ª UNIDADE IIª UNIDADE

## OS HEBREUS

### # A Palestina dos hebreus: a “terra prometida”

Se olharmos um mapa do antigo Oriente Médio, veremos que a Palestina fica entre o rio Jordão e o mar mediterrâneo. Ao norte a Palestina encosta-se à Fenícia e, ao sul, ao deserto do Sinai. Apesar da pouca extensão do seu território a Palestina era formada por três regiões geográficas: a região norte, que os hebreus chamavam de Galiléia, era formada por colinas cobertas de vegetação e era a mais fértil da Palestina; a região central, chamada de Samaria, era menos fértil que a Galiléia; e a região sul, que era árida e montanhosa e onde quase ninguém conseguia viver.

Atualmente, o território da antiga Palestina é ocupado por Israel. A Palestina foi, e ainda é, a “terra prometida” dos hebreus, um povo de origem semita (judaica) que ali se estabeleceu por volta de 2000 a .C. Hoje é uma região semidesértica, mas antigamente ela recebia chuvas e era um lugar muito próspero. Os vales eram ideais para criar cabras e ovelhas, as planícies produziam cereais, as encostas das montanhas estavam cobertas de bosques de cedros e oliveiras – era essa a “terra prometida” que o povo hebreu tanto procurou .

### # A luta pela Palestina

Por volta de 3000 a.C., a tribo dos cananeus, de origem semita, chegou ao rio Jordão. Por isso, a região é conhecida como “terra de Canaã” desde essa época.

Aproximadamente em 1300 a .C., a região foi invadida por outro povo, os filisteus (tribos árias que vieram da ilha de Creta). Os filisteus, por sua vez, deram o nome à região que passou a se chamar Filistina (Palestina). Os filisteus se fixaram nas costas da Palestina, pois eram navegadores.

Mais tarde, a tribo semita dos hebreus conquistou os cananeus e os filisteus e lá estabeleceu um reino. O Antigo Testamento da Bíblia, o livro sagrado dos hebreus, conta a história dos hebreus na antiguidade com detalhes.

## # A Bíblia como testemunha

Na fase inicial de sua história os hebreus eram nômades e se dedicavam ao pastoreio, até então era um povo que adorava muitos deuses e ídolos. Organizados em tribos a autoridade provinha de laços de parentesco, assim, era um tipo de sociedade patriarcal.

A Bíblia conta que Abraão (nome que significa “pai de muitas nações”) foi o primeiro patriarca. Chefiados por Abraão, os hebreus vieram da cidade de Ur, na Mesopotâmia, e se estabeleceram na Palestina, por volta de 2000 a.C. Por três séculos, então, os hebreus viveram na Palestina comandados por chefes patriarcas até que, no final desse período, uma terrível seca assolou a região provocando fome e tragédia para os hebreus e os obrigou a emigrar para o Egito, como veremos mais à frente.

De acordo com a Bíblia, Deus escolheu Abraão para cumprir uma promessa . Ele seria o pai de um povo muito numeroso, por meio do qual viria a salvação do mundo, mas para que isso acontecesse Abraão deveria abandonar os outros deuses e ídolos e crer num único deus. Além disso, deveria ir ao lugar que um dia seria de seus filhos e netos – a Palestina, como já foi dito anteriormente.

Abraão acreditou na palavra de Deus, deixou de lado os deuses e ídolos passando a crer, junto com o seu povo, num só deus e partiu com a sua família em direção a Canaã .

Deus apareceu de novo e propôs a mesma coisa ao filho (Isac) e ao neto (Jacó) de Abraão. Jacó mudou o seu nome para Israel, que significa combatente de Deus, teve doze filhos, os quais deram origem às doze tribos de Israel. José, um dos filhos de Jacó, foi vendido pelos seus irmãos à mercadores egípcios. Mais tarde, após ter interpretado um sonho do faraó, tornou-se uma espécie de primeiro ministro . Segundo a Bíblia, neste momento ficava explícito que Deus havia protegido José, tomando-o o sucessor do faraó egípcio.

Isso aconteceu justamente na época em que o Egito havia sido conquistado pelos hicsos, coincidindo com o período da terrível seca que assolou a Palestina provocando a emigração dos israelitas (hebreus) para o Egito. E foi , somente, graças a influência de José no Egito que as tribos israelitas, que fugiam da seca, puderam se fixar no Egito. Inclusive, seus irmãos que o venderam.

### O cativeiro no Egito (1700 a.C. à 1280 a C)

Quando o Egito foi invadido pelos hicsos, que também eram semitas, os hebreus se tornaram seus protegidos. Mas quando os egípcios conseguiram se livrar dos hicsos,

escravizaram os hebreus. A opressão aos hebreus era tanta, que o faraó ordenou aos egípcios que matassem todos os filhos, recém-nascidos do sexo masculino, dos hebreus para evitar que aquele povo, que propagava a sua fé a um único deus (o que, para os egípcios era uma afronta, pois acreditavam em vários deuses e desconheciam esse Deus que os hebreus proclamavam com tanta fé), se tornasse mais numeroso.

Uma mãe hebraica, para impedir que seu filho fosse morto o colocou num cesto de vime envernizado com breu e o lançou nas águas do Nilo. Uma princesa egípcia o salvou e deu-lhe o nome de Moisés. Mais uma vez, segundo a Bíblia, Deus lhes daria a prova de sua proteção, pois seria justamente este único menino, que conseguiu ser salvo do massacre, que reconduziria o povo de Israel do Egito para a “terra prometida”, após a célebre passagem pelo Mar Vermelho.

### Moisés e os dez mandamentos

No caminho de volta à “terra prometida”, quando os hebreus atravessaram o deserto do Sinai, a promessa que o deus dos hebreus tinha feito à Abraão, há muitos anos, tornou-se um pacto. Conforme esse pacto, Deus protegeria o povo hebreu se este o obedecesse. Os hebreus não acreditaram na palavra de Deus, e por isso, por terem desconfiado, ficaram vagando no deserto durante quarenta anos (esse período ficou conhecido como êxodo). Foi durante esse êxodo, no monte Sinai, que Moisés recebeu de Deus (Javé, ou Jeová) os dez mandamentos que passaram a nortear a vida do povo judeu. Finalmente, depois de tantos anos vagando pelo deserto, Moisés conseguiu levar os hebreus à “terra prometida” e, ao chegar lá, morreu.

Foi Josué, sucessor de Moisés, que conquistou a terra de Canaã. Josué liderou os hebreus que conquistaram a Palestina. A Bíblia conta que a proteção de Deus nas batalhas era evidente.

A luta pela conquista da “terra prometida” fez com que surgissem chefes militares que passaram a concentrar o poder em suas mãos. Estes chefes militares ficaram conhecidos, na história de Israel, pelo nome de juizes – Sansão e Gedeão foram os juizes mais conhecidos. Depois de muitas lutas, os hebreus conquistaram a Palestina e a dividiram em doze províncias, ou seja, uma província para cada uma das famílias de Jacó. A partir desse momento, os hebreus se tornaram sedentários e começaram o cultivo do solo.

### A monarquia (1044 a.C. à 721 a.C.)

A luta contra os filisteus e os cananeus unificou as doze tribos dos hebreus. Finalmente, em 1044 a.C., Samuel, o último juiz patriarca, sagrou o primeiro rei de Israel, Saul.

Com a morte de Saul, seu filho Davi tornou-se rei de Israel. Seu grande mérito foi ter vencido os filisteus, proclamando a cidade de Jerusalém a capital do Estado Judeu. Criou um poderoso exército, organizou a administração e o sistema de impostos. Procurou dar à monarquia um caráter sagrado.

Com a morte de Davi, subiu ao trono seu filho Salomão, cujo reinado marcou o apogeu do Estado de Israel. Durante o seu governo houve um grande desenvolvimento comercial, foram construídos palácios, fortificações e o Templo de Jerusalém (uma das sete maravilhas da Antiguidade), dedicado ao Deus Jeová.

### A decadência (721 a.C. à 63 a.C.)

Após a morte de Salomão, seu sucessor começou a aumentar os impostos, tornando-se cada vez mais exigente e opressor. A população que já se queixava dos impostos, desde o reinado de Salomão, começou a ficar cada vez mais descontente. O reino de Israel foi dividido em duas partes: Judá e Israel. O reino de Judá, ao sul, tinha como capital Jerusalém, enquanto o reino de Israel ao norte, tinha como capital Samaria.

Em 723 a.C., os assírios conquistaram o reino de Israel, submetendo seu povo. O reino de Judá resistiu até 586 a.C., quando foi conquistado pelo rei da Caldéia, Nabucodonosor, que levou os judeus cativos para a Babilônia.

Os judeus acharam que Deus os tinha abandonado, por não terem respeitado o pacto. Apesar disso, a Bíblia conta que Deus fez um outro pacto com os judeus. Esse novo pacto dizia que um salvador, ou messias, daria início “ao novo reino de Deus”, que se construiria sobre a virtude e a bondade e não sobre o medo. O pacto também dizia que o deus dos hebreus se tornaria o deus de todos os homens e mulheres da terra.

Após cinquenta anos de cativeiro, e do novo pacto com Deus, os persas derrotaram os caldeus e devolveram aos judeus uma certa liberdade. Eles puderam voltar à Palestina e reconstruir o templo e as muralhas de Jerusalém. Tal liberdade não perdurou, pois, mais tarde, a região passou ao domínio de Alexandre Magno (rei da Macedônia), para em 63 a.C. transformasse em província do Império Romano.

### # O Estado de Israel

Depois do ano 70 d.C., o povo israelita espalhou-se pelo mundo, passando a viver em pequenas comunidades, mas mantiveram ao longo dos anos sua religião, seus costumes, sua língua e seus objetivos comuns (entre eles, voltar para a Palestina). Eram uma nação, sem possuir um Estado.

Somente em 1948 é que foi criado o Estado de Israel, organizando-se politicamente a nação israelita, com o seu povo, seu território e o seu governo.

### # Vida cultural

#### A religião

A religião hebraica, o judaísmo, representa a grande contribuição cultural dos hebreus ao mundo ocidental. Como já vimos, a história dos hebreus mostra a vocação

religiosa desse povo que acreditava num só deus. É nesse aspecto, que os hebreus foram diferentes dos demais povos da Antiguidade. O deus deles lhes dava tudo o que precisavam e também lhes deixava saber o que queria deles, por meio de revelações.

A doutrina básica do judaísmo encontra-se no Torá (códigos de leis), que corresponde aos livros do Pentateuco, contido no Velho Testamento da Bíblia.

A importância da religião hebraica é muito grande, pois nela encontramos fundamentos de três grandes religiões da atualidade: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Ao mesmo tempo, a Bíblia é, sem dúvida, uma das obras – primas da literatura da Antiguidade. Esse foi o legado sobre o qual os cristãos construíram uma nova religião a partir da chegada de Jesus Cristo.

Além de ser um livro religioso, a Bíblia contém preceitos morais e jurídicos, narrativas históricas e obras poéticas. É a principal fonte histórica para o estudo da evolução social e política do antigo povo judeu.

### Ciência

No setor científico, os hebreus não empreenderam nenhuma inovação relevante. Também

Também não tiveram projeção no campo da pintura ou da escultura. Na arquitetura, assim como entre outros povos da Antiguidade, as artes permaneceram “servas” da religião.

Indiscutivelmente, a maior realização da arquitetura hebraica foi o Templo de Jerusalém, construído no reinado de Salomão.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana. História e Civilização (o mundo antigo e medieval). Editora Ática, 1995.
- COTRIM, Gilberto & ALENCAR, Ciboro. História Geral (antigo e medieval). Editora Saraiva, 6ª ed, 1987.
- MOCELLIM, Renato. História antiga e medieval. Editora do Brasil S/A, SP.

ESCOLA EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, 10\07\00  
PROFESSORA: ANA TEREZA

ESTAGIÁRIAS:

NATÁLIA RODRIGUES  
WANINE BURITI

ALUNO(A): .....  
SÉRIE: 1<sup>o</sup> A II<sup>a</sup> UNIDADE

### “ CIVILIZAÇÃO FENÍCIA ”

De um lado o mar, de outro montanhas. Essa era a situação da Fenícia , uma região que não tinha muitas terras férteis. Sem outra alternativa, os Fenícios lançaram-se ao mar e desenvolveram um movimentado comércio com os povos vizinhos. Por isso, se tornaram os maiores navegadores do mundo antigo, espalhando seu comércio por várias regiões.

A civilização fenícia nos deixou uma importante herança: o alfabeto, uma das mais geniais invenções da história da comunicação humana.

#### # LOCALIZAÇÃO

A Fenícia era uma estreita faixa de terra, com aproximadamente 40 km de largura, entre o mar mediterrâneo e as montanhas do Líbano. Atualmente, essa região corresponde ao Líbano e à parte da Síria.

As terras da Fenícia não eram férteis e, por isso, as colheitas não eram suficientes para alimentar toda a população.

Vivendo espremidos entre o mar e as montanhas, os fenícios lançaram-se à navegação marítima e estabeleceram relações de comércio com as principais cidades da Antiguidade. Terra de marinheiros e comerciantes, a Fenícia acabou desenvolvendo uma civilização marítimo-mercantil.

#### # ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A Fenícia era formada por cidades independentes entre si e, por isso eram chamadas de Cidades – Estados. De modo geral, cada cidade tinha um governo próprio, comandado por um rei, cujo título era transmitido por hereditariedade. Assim, a Fenícia nunca formaram um país unificado.

As mais importantes cidades fenícias foram:

- Biblos - Destacou-se pela intensa relação comercial que teve com o Egito. Os comerciantes de Biblos exportavam aos egípcios, madeira, prata e em troca recebiam papiro; o que tornou essa cidade o centro de comercialização deste produto.
- Sídon – Com a ajuda dos egípcios Sídon conseguiu monopolizar, ou seja, dominar totalmente o comércio do Mediterrâneo oriental entre 1.600 a.C e 1300 a.C. Com a decadência do Egito, Sídon perdeu seu mercado, isto é, não tinha mais a quem vender os seus produtos que procurava nas terras distantes.
- Tiro – A cidade de Tiro, que quer dizer “a rocha”, foi construída sobre uma ilha. Foi a cidade mais importante da Fenícia, entre 1200 a.C e 900 a.C. A ausência de um império que dominasse os demais fez com que os habitantes de Tiro se tornassem os senhores do mar. Foi assim que eles estenderam o contato do Oriente Médio com o mediterrâneo ocidental e outros lugares além do mar Mediterrâneo.
- Ugarit – Enquanto permaneceu sob o domínio egípcio esta cidade esteve em plena prosperidade. Mais tarde, sob o domínio dos hurritas e hititas a cidade entrou em decadência.

## # SOCIEDADE

Na sociedade fenícia, o papel social das pessoas estava relacionado ao seu poder econômico. Dessa maneira, participava do governo uma elite de indivíduos ricos: grandes comerciantes marítimos, donos de oficinas artesanais, negociantes de escravos e construtores de navios.

A seguir com menos poder e menor importância na escala social, vinha uma classe de pequenos proprietários e trabalhadores livres, entre eles artesãos, pescadores e camponeses.

A parcela social mais explorada era composta pelos escravos e marinheiros pobres.

Ao contrário dos demais povos do Oriente Médio, os sacerdotes e os militares não tinham um papel muito importante na sociedade fenícia.

## # ECONOMIA

O comércio marítimo era a principal atividade econômica dos fenícios. Devido aos negócios comerciais, desenvolveram a navegação a longa distância e tornaram-se os maiores navegadores da antiguidade.

A maior parte dos produtos exportados pelos fenícios eram feitos nas oficinas dos artesãos, que se dedicavam à : metalurgia - armas de bronze e ferro, jóias de ouro e

prata, etc; fabricação de vidros; tintura de tecidos de lã – utilizavam a púrpura (tinta avermelhada extraída do molusco múrice)

De várias regiões do Mundo Antigo, os fenícios importavam metais, pedras preciosas, perfumes, cavalos, cereais, etc. A cidade de Tiro tinha o principal mercado de escravos : os tírios compravam prisioneiros de guerra ( brancos e negros) e os vendiam como escravos para os reis do Oriente.

Com o objetivo de expandir o comércio, os fenícios fundaram também diversas colônias, que serviram como entreposto mercantil (ponto de comércio) em lugares como Chipre, Sicília, Sardenha e sul da Espanha, além de Cartago, no norte da África, a mais importante colônia estabelecida pelos tírios.

## # RELIGIÃO

Os fenícios acreditavam em vários deuses, isto é, eram politeístas. Adoravam os astros e as forças da natureza. Cada cidade tinha seus deuses particulares. Todas elas adoravam o céu e a lua. Os templos fenícios eram parecidos com os templos egípcios. Eles faziam festas para seus deuses

Todas as cidades da Fenícia tinham seu deus protetor, que era chamado de Baal.

O baal de Biblos era Adônis , o de Sidon Es hmun e de Tiro chamava-se Melcart.

Durante muito tempo, se escreveu que os fenícios tinham uma religião extremamente cruel, onde inúmeras crianças eram sacrificadas. No entanto, sabe-se que isto não corresponde à verdade. Eis o que diz Gerhard Herm sobre os fenícios:

“Os fenícios e os cartaginenses sempre consideraram a oferenda de vítimas humanas como a manifestação suprema de um sacrifício aos deuses , só que geralmente , evitavam sua concretização. Só quando absolutamente necessário é que resolviam cumprir a lei ao pé da letra.”

Embora esses acontecimentos em nada diminuam os aspectos ao mesmo tempo fúnebres e sanguinolentos dessa prática, permitem, no entanto, reconhecer que seus praticantes não agiam, de forma alguma, movidos apenas por sentimentos de irrefreável desumanidade.

Na verdade, quando acontecia a necessidade de cumprir o sacrifício supremo, era com o coração aos pedaços que as crianças eram sacrificadas aos deuses.

## # CULTURA

A grande contribuição dos fenícios foi no campo cultural, com a criação do alfabeto. Essa maravilhosa invenção nasceu da necessidade de um registro escrito das compras e vendas. Era preciso encontrar um modo prático que facilitasse a atividade comercial.

O alfabeto fenício era bem mais simples que a escrita cuneiforme da Mesopotâmia e os hieróglifos do Egito. Ele se compunha de 22 letras, todas consoantes. Mais tarde esse alfabeto foi aperfeiçoado pelos gregos , que acrescentaram as vogais. Do alfabeto grego se formou o alfabeto latim, que o mais utilizado atualmente.

## # AS CIENCIAS E AS ARTES

Nas artes, os fenícios demonstraram uma grande falta de originalidade, sendo que seus templos, palácios, estátuas e sarcófagos são imitações de modelos estrangeiros, notadamente egípcios.

Assim, os fenícios não criaram nenhuma arte própria, pois imitavam tudo aquilo que os demais povos faziam. Mas, por outro lado, eles aperfeiçoaram muitas das descobertas que esses povos fizeram.

Os egípcios inventaram o vidro. Os fenícios aperfeiçoaram a técnica dos egípcios e foram os primeiros produtores de cristal transparente. Eles aprenderam a tingir tecidos com os caldeus e logo se tornaram os principais produtores de tecidos da cor púrpura, usadas pelos reis e a nobreza do Oriente Médio.

Foram armadores de barcos, sua frota foi a mais poderosa do Mundo Antigo. Além disso, se especializaram na produção de armas de ferro e de bronze. As jóias e os perfumes feitos pelos fenícios eram conhecidos em todo o Mundo Antigo.

Por outro lado, eles desenvolveram a geografia e a astronomia, o que facilitava a navegação e o reconhecimento das terras distantes, as quais eles se aventuravam. Navegavam à noite com o auxílio de estrelas. A estrela Polar era conhecida, entre os povos menos aventureiros, como a "estrela dos fenícios". Desenvolveram também, a geometria e o desenho, que aplicavam na construção de barcos.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MOTA, Carlos Guilherme & Lopes, Cícilia História e Civilização (o Mundo Antigo e Medieval). Editora Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto História e Consciência do mundo, 1: da pré-história à Idade Média. Ensino fundamental. 14ª ed., SP, Saraiva, 1998.



Apesar de terem se fixado em regiões diferentes, estes dois grupos iranianos falavam a mesma língua e usavam a escrita cuneiforme dos sumérios. Ao se fixarem no planalto do Irã, começaram a cultivar a terra. Para facilitar o trabalho no campo, utilizavam o ferro e o cavalo. Foram eles que começaram a usar o camelo como meio de transporte. Foram os persas que trouxeram para o Irã a pêra e o pêssego que, posteriormente, se tornou tão apreciada em vários lugares do mundo.

Houve dois momentos em que cada um dos grupos foi mais forte e governou o planalto do Irã. Os primeiros, como já vimos, foram os medos.

#### \* Os medos

Os medos mantiveram contato com os povos da Mesopotâmia, com os quais aprenderam muito. Durante o predomínio dos assírios na Mesopotâmia, os medos foram obrigados a pagar impostos muito pesados. No início do século VII a.C., Daiocos, o chefe militar dos medos, conseguiu unificar todo o planalto do Irã, construiu a capital na cidade de Ecbátana e se proclamou rei da Média.

Daiocos tentou se livrar das garras dos assírios para não ter que pagar impostos, mas não conseguiu. Ciaxares, seu filho, consolidou o império dos medos. Ajudou os caldeus quando eles se rebelaram contra os assírios e, em troca, recebeu as províncias que faziam parte da assíria. A Média se tornou, então, um império respeitável. Mas o neto de Daiocos não conseguiu manter o poder.

Foi exatamente nesse momento que os persas armaram uma conspiração contra o neto de Daiocos e lhe tomaram o poder. Isso aconteceu, porém, sem nenhuma guerra. Os persas simplesmente colocaram um príncipe deles, Ciro, no lugar do rei de medos. Ciro assumiu o trono em 559 a.C. Era como se a dinastia, ou família dos reis, tivesse sido trocada.

Ciro ficou conhecido como um dos governantes mais inteligentes e espertos da Antiguidade. Foi o responsável pela organização e consolidação do império persa, um dos maiores e mais poderosos da Antiguidade. É por isso que passou a ser chamado de Ciro, o Grande. Além disso, ele não matava e nem perseguia os prisioneiros de guerra. Talvez essa seja uma das razões por que os diferentes povos da Mesopotâmia não se importavam de viver sob o domínio dos persas.

#### \* A expansão do império persa

Após ter organizado seu próprio reino, Ciro iniciou a conquista dos territórios vizinhos da Pérsia. Conquistou o reino da Lídia, na Ásia Menor, em 546 a.C., toda a Mesopotâmia em 539 a.C. Libertou os hebreus e permitiu que eles voltassem à Palestina. Apesar disso, os povos conquistados por Ciro eram obrigados a pagar altos impostos.

Ciro morreu em 529 a.C. e foi sucedido por seu filho, Cambises. Cambises tentou expandir mais ainda as fronteiras do império persa. Conquistou o Egito em 525 a.C. e se proclamou faraó. Tentou conquistar o norte da África, mas lá os exércitos persas foram derrotados.

A situação na Pérsia não era das melhores. Cambises tinha mandado assassinar seu irmão e teve de voltar à Pérsia às pressas para enfrentar uma revolta. As lendas contam

que Cambises ficou furioso e enlouqueceu. Ao montar no cavalo para iniciar a viagem de volta, feriu-se com a própria espada e morreu alguns dias depois.

#### \*A revolta dos príncipes: o império de Dario

Em Persépolis, capital do império persa, após a morte de Cambises, a confusão foi grande: um mago chamado Gaumata se fez passar pelo irmão que Cambises mandara assassinar em segredo e governou o império durante alguns meses, até que alguns príncipes descobriram que se tratava de um impostor. Esses príncipes tomaram o governo e Dario I, o chefe deles, foi proclamado o novo imperador da Pérsia. Dario governou a Pérsia entre 521 a.C. - 486 a.C.

Dario I era muito inteligente e ousado. Conseguiu expandir a fronteira do império até o rio Indo, no leste, e até o rio Danúbio, no oeste. Tentou conquistar as cidades gregas, mas foi derrotado na Batalha de Maratona, em 490 a.C., e na batalha naval de Salamina, em 480 a.C.

Durante o reinado de Dario I, o império Pérsia atingiu seu período de maior glória.

Para cuidar de seus domínios, Dario criou uma complexa organização político-administrativa. Dividiu o império em províncias, chamadas satrapias, sendo cada uma governada por um administrador local denominado sátrapa (alto funcionário do império persa).

Além disso, não havia uma capital única para o império, podendo o rei ficar em cidades como Pasárgada, Persépolis, ou Susa.

O sucessor de Dario, Xerxes e Artaxerxes, tentaram conquistar as cidades gregas em outras duas guerras. Os gregos chamaram essas guerras de guerras médicas, pois acreditavam que os persas eram os medos. Essa luta contra os gregos continuou até que os persas não conseguiram resistir ao avanço do exército de Alexandre Magno, rei da Macedônia. Em 330 a.C., o império persa foi conquistado por Alexandre Magno.

#### \* Sociedade e cultura

Os persas aproveitaram tudo aquilo que os demais povos do Oriente Médio criaram e desenvolveram. Adotaram o modo de vida dos povos da Mesopotâmia. O exército persa era organizado da mesma maneira que os assírios tinham organizado seu exército.

Como já foi dito antes, Dario foi o responsável pelo período de maior esplendor do império persa. Construiu estradas que melhoraram as comunicações dentro do império. A Estrada Real, ligando Susa a Sardes, possuía 2.500km de extensão.

Dario chegou a cunhar moedas de ouro, os dárlicos, que circulavam em todo o Oriente. Isso facilitou o comércio dentro do império, pois era mais fácil trocar mercadorias entre vários lugares usando a mesma moeda.

Além disso, Dario dividiu o império em satrapias, como também já vimos. A satrapia é como se fosse um estado, e o sátrapa é como se fosse um governador de estado. Havia, também, um grande número de fiscais que controlavam o que os sátrapas faziam. Esses funcionários eram conhecidos como os "olhos e ouvidos do rei". Todos esses fiscais, assim como os sátrapas, eram escolhidos pelos reis.

O exército tinha um papel muito importante na vida dos persas, pois foi com a força de seu exército que conseguiram conquistar o império. Além disso, o exército contribuía para manter a unidade do império. E foi com os persas que, pela primeira vez, na Antiguidade, se formou um exército com soldados de vários povos diferentes.

Os povos submetidos eram obrigados a pagar impostos, mas, em compensação, podiam manter os seus costumes, suas leis, seus deuses e sua língua. Além dos impostos, os povos submetidos tinham que fornecer soldados.

Todo esse imenso império era governado pelo rei, que vivia nos palácios das cidades de Pasárgada, Susa ou Persépolis. O rei administrava o seu império a distância: por isso, as estradas e as comunicações foram tão importantes no império persa. A corte dos reis da Pérsia era muito luxuosa, e para mantê-la o rei cobrava impostos. O rei dos persas tinha também direito de vida e morte sobre seus súditos.

A família dos persas era do tipo patriarcal, ou seja, o pai podia decidir o destino da mulher e dos filhos. As famílias mais antigas, consideradas “nobres”, eram donas de todas as terras. As pessoas não consideradas nobres eram lavradores, soldados ou executavam a manutenção das obras de irrigação e das estradas do império.

Os magos, muito respeitados na sociedade persa, eram conselheiros do rei e dirigiam as cerimônias religiosas. A justiça, que consistia num conjunto de aplicação de leis, era exercida por magos nomeados pelo rei.

#### \*A economia

A economia persa tinha, inicialmente, como base a agricultura (centeio, trigo e cevada) e a criação de gado. Assim, a maioria da população era formada por camponeses pobres que trabalhavam nas terras de nobres, donos de grandes propriedades.

Com a expansão do império e a construção da rede de estradas, que facilitou a comunicação entre as satrapias, desenvolveram-se a produção artesanal e o comércio.

Para facilitar as trocas comerciais, Dario I determinou que se cunhassem moedas de ouro.

#### \*A religião

Quando as tribos iranianas foram chegando ao planalto que hoje leva o seu nome, elas adoravam o sol, a quem chamavam de Mitra. Mas na metade do século VII a.C., um homem chamado Zaratustra ou Zoroastro começou a pregar uma nova religião.

Segundo essa religião, só existia um deus, Ormuz, criador da luz, do fogo, da água, da terra e de tudo o que é bom. Ele era o deus do bem. Ormuz vivia lutando contra Arimã, o espírito do mal, criador das trevas, da angústia, da dor, e de tudo que de ruim existe. O homem estava no meio da disputa entre o bem e o mal. Seu comportamento, bom ou mal, ajudava a fortalecer um dos dois lados.

Quando uma pessoa morria, os persas acreditava que a alma dessa pessoa era julgada por Ormuz, que decidia se ela poderia entrar no reino do bem, o paraíso. O paraíso dos persas era um grande parque com árvores de várias espécies e povoado por uma variada fauna para caça. Em compensação, o inferno não era eterno. Todos acabavam,

eventualmente no paraíso. Os corpos das pessoas mortas não eram enterrados, pois eram considerados "ímpuros". Eles deixavam que as aves de rapina os devorassem.

\*As ciências e as artes

Conforme já vimos, os persas assimilaram a cultura dos povos da Mesopotâmia. Seus palácios foram cópias dos estilos usados pelos diversos povos da Antiguidade com os quais entraram em contato.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA :

MOTA, Carlos Guilherme & LOPES, Adriana História e Civilizações (O Mundo Antigo e Medieval) Editora Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto & ALENCAR, Cibara Duarte de. História Geral (Antiga e Medieval) Editora Saraiva, 6ª ed., 1987.

MOCELLIM, Renato História Antiga e Medieval. Editora da Brasil S/A, SP.

ESCOLA EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, .....07\00  
PROFESSORA: ANA TEREZA

**ESTAGIÁRIA: WANINE BURITI**

7º.C

ALUNO(A)..... Nº. .... NOTA: .....

### AVALIAÇÃO

- 1- Quais foram as reformas políticas (reformas liberais) realizadas após a renúncia de d. Pedro. Fale um pouco de cada uma delas.
- 2- O período regencial foi marcado por muitas revoltas, tais como : a cabanagem; a farroupilha; a sabinada e a Balaiada. Diga onde ocorreu cada uma, a origem do nome e os seus componentes, ou melhor, o grupo social que fez parte de cada uma dessas revoltas.
- 3- No século XIX, o capitalismo entrou numa nova fase. Que fase foi essa ?
- 4- Cite as transformações introduzidas pelo capitalismo industrial.
- 5- As revoltas do período regencial assustaram as elites dominantes da política brasileira. Para a maioria dos políticos dessa época, qual era a causa dessas revoltas e qual a solução que eles apontavam para combatê-las ?
- 6- "Os políticos que defendiam a centralização venceram as eleições em 1838. Os liberais, derrotados nessas eleições, perceberam que a única forma de acabar com o governo dos centralizadores seria pondo fim à Regência." ( MARTINS : 1997 : 88)  
Qual foi, então, a atitude tomada pelos liberais para por fim à Regência ?

*Boa Sorte!*

ESCOLA EST. DE ENS. FUND. E MÉDIO SEVERINO CABRAL  
CAMPINA GRANDE, .....07\00  
PROFESSORA: ANA TEREZA

ESTAGIÁRIAS : WANINE BURITI  
NATÁLIA RODRIGUES

1º. A

ALUNO(A)..... Nº. .... NOTA: .....

### AVALIAÇÃO

1-O que caracterizou politicamente a Fenícia ?

2-Quais foram as cidades fenícias que mais se destacaram. Dê informações sobre elas.

3-Dario I, célebre imperador da Pérsia, tem seu nome ligado à :

- A ( ) Conquista do Reino de Média e a fundação do Império Persa.
- B ( ) Elaboração da religião dualista persa, cujo fundamentos se encontram no livro sagrado Zed- Avesta.
- C ( ) Conquista do Antigo Egito em 525 a C., na famosa batalha de Pelusa
- D ( ) Organização político- administrativa do Império Persa, com a criação das satrapias, das estradas reais e o dárico.

4-A principal contribuição dos hebreus para a civilização ocidental foi :

- A( ) A organização política.
- B( ) O monoteísmo religioso.
- C ( ) O conhecimento científico e tecnológico.
- D( ) todas estão corretas.

5-Pode-se dizer que um dos elementos fundamentais da religião persa na Antiguidade, após Zaratustra, é :

- A( ) O politeísmo caracterizado pela prática da adoração de ídolos zoomórficos.
- B( ) O caráter local do culto, já que cada região possuía suas próprias divindades supremas.
- C ( ) O dualismo representado pela oposição entre o princípio do bem e do mal.
- D( ) Todas estão corretas.

6-Faça à correspondência:

- A sátrapas        ( ) funcionários do rei que fiscalizavam o governo das províncias
- B satrapias        ( ) administradores gerais das províncias
- C Olhos e        ( ) províncias do Império Persa  
Ouvidos do rei

7-Sobre a religião persa, escreva as informações solicitadas :

- A) O seu fundador .....
- B) O livro sagrado .....
- C) Os fundamentos .....

.....  
.....  
.....

8-Por volta da segunda metade do século VI a.C., persas e medos uniram-se para formar um grande império. Essa unificação deu-se sob a liderança de :

- A( ) Ataxerxes
- B( ) Xerxes
- C( ) Dario II
- D( ) Ciro

*Boa Sorte!*

# MOVIMENTOS SOCIAIS NO PERÍODO REGENCIAL



## O império persa



Durante o reinado de Dario, o império persa atingiu sua extensão máxima. Neste mapa, vemos a Estrada Real, ligando as cidades de Susa, no Golfo Pérsico, a Sardes, na Ásia Menor.